

A seca da cultura

O GLOBO

30 JUL 1998

ARNALDO NISKIER

Educação

No campo ainda há 32 milhões de brasileiros. Como não votam, o Ministério da Educação e do Desporto não realiza nenhum esforço para dar atendimento educacional a essa gente. Na versão do Plano Nacional de Educação, que chegou com atraso ao Congresso Nacional, o que é profundamente lamentável, não existe a necessária diversificação entre os materiais oferecidos às crianças da cidade e as que habitam o campo.

Uma conversa com a escritora Rachel de Queiroz, autora de "O Quinze", é bem esclarecedora. Quando voltou outro dia da Fazenda Não Me Deixes, em Quixadá, interior do Ceará, sentiu de perto a falta da assistência oficial. O povo vive na miséria, não tem água, quase não tem comida — e certamente não dispõe dos mínimos recursos educacionais. É a seca da cultura.

Paulo Renato, que passou dez meses como um ciclone pela Secretaria esta-

dual de Educação de São Paulo, sem deixar qualquer marca expressiva, tem a lógica da aritmética. Anuncia milhões de livros sem pensar no seu aproveitamento. O que importa é o total. Mesmo que os seus avaliadores anônimos, figuras do asfalto paulista, jamais tenham pisado em qualquer cidade do interior ou em qualquer escola do ensino fundamental. Se eles conhecessem essa triste realidade, como denunciou o Fundo das Nações Unidas para a Infância e a Adolescência (Unicef), não ensinariam às escolas de taipa do interior pernambucano como se multiplica o número de andares de um edifício pelo número de apartamentos. As crianças dessas localidades só conhecem edifícios pela televisão. Os materiais ali impingidos não têm nada a ver com a perspectiva sociocultural da região. O MEC impõe o construtivismo do atraso, em que tem se esmerado, nos últimos dois anos. E tudo isso com o dinheiro do povo. Não sai nada do bolso do alegre ministro.

Aliás, o que importa ao Governo neo-

liberal é estar na mídia. Não interessa muito que seja de forma negativa, desde que não saia do noticiário. É o caso da trágica nomeação do reitor da UFRJ, dono de somente 12% dos votos da comunidade universitária, que agora o impede de exercer o comando da maior universidade pública do país. Se o objetivo é destruir a escola pública, de modo disfarçado, estamos no bom caminho.

Elementos do gabinete do ministro, acostumados à intrigalhada brasiliense, dizem que o ministro está vibrando com a encenra, pois assim se beneficia da presença no noticiário.

Prometem esses assessores, mais perto da eleição, contar o que aconteceu na demissão coletiva dos dirigentes do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), responsáveis por movimentos estranhos na compra oficial de livros

e merenda. Por que houve o chute coletivo, sem explicação?

A expectativa de vida do povo brasileiro hoje é de 67 anos. Está aumentando, o que é um índice positivo. Assim, é natu-

ral que se amplie o número dos que se aposentam nas universidades públicas. Não são propriamente velhos, mas têm os seus direitos assegurados (ou deveriam ter).

Com a compressão dos orçamentos, liberando-se verbas aos pouquinhos, a situação tornou-se crítica. Os laboratórios foram sucateados, os equipamentos não têm manutenção e até a pesquisa benemérita,

que marca o ensino superior oficial, tem sido muito sacrificada. A reação de um figurão do MEC, a propósito dos aposentados, foi extremamente sintomática: "Os velhos já deram o que tinham que dar. Não servem para mais nada."

O povo vive
na miséria,
não tem água,
quase não
tem comida...

Estamos vivendo tempos lamentáveis. Agride-se a autonomia universitária, com segundas intenções, projeta-se uma TV Escola de baixa qualidade, o salário dos professores e dos especialistas continua baixíssimo, não há nenhum esforço apreciável para reduzir o número de 19 milhões de analfabetos (é o mesmo há alguns anos).

O que parece existir é uma preocupação com o atendimento de alunos mais abonados, sobretudo nos grandes centros urbanos, e quando se busca uma razão plausível para essa preferência, sem muito esforço, alcança-se a lógica eleitoral. Demagogia misturada com irresponsabilidade — eis o quadro da educação brasileira, às vésperas da virada do século. Quando o atual ministro for candidato à Presidência da República, no ano de 2002, isso tudo será muito bem lembrado.

ARNALDO NISKIER é escritor, jornalista e presidente da Academia Brasileira de Letras.